



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ÁGAPE THAÍS MARACAJÁ PEDROZA DE ANDRADE

**HEGEL E INFÂNCIA: O ENSINO DE FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA**

Recife

2022

ÁGAPE THAÍS MARACAJÁ PEDROZA DE ANDRADE

**HEGEL E INFÂNCIA: O ENSINO DE FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Filosofia.

Orientador (a): Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Andrade, Ágape Thaís Maracajá Pedroza de.  
Hegel e Infância: o ensino de filosofia na formação humana / Ágape Thaís  
Maracajá Pedroza de Andrade. - Recife, 2022.  
23p.

Orientador(a): Suzano de Aquino Guimarães  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -  
Licenciatura, 2022.

Inclui referências.

1. Hegel. 2. infância. 3. ensino de filosofia. 4. Lipman. 5. formação humana. I.  
Guimarães, Suzano de Aquino. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

ÁGAPE THAÍS MARACAJÁ PEDROZA DE ANDRADE

**HEGEL E INFÂNCIA: O ENSINO DE FILOSOFIA NA FORMAÇÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 19/05/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Junot Cornélio Mattos (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Evandro da Fonseca Costa (Examinador Externo)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

O que o ser humano deve ser, ele não o tem por instinto,  
mas ele precisa primeiramente adquiri-lo.  
Sobre isso se fundamenta o direito das crianças  
de serem educadas  
(HEGEL, 2021, § 174, p.193)

## RESUMO

A partir das noções hegelianas de criança e educação, este artigo tem como objetivo explorar a possibilidade do ensino de filosofia para crianças e qual seu papel na formação humana. Tendo como base escritos e discursos pedagógicos de G. W. F. Hegel e como apoio os estudos de Matthew Lipman sobre filosofia para crianças, pretendemos justificar e encontrar o lugar de uma formação filosófica na infância.

**Palavras-chave:** Hegel; infância; ensino de filosofia; Lipman; formação humana.

## **ABSTRACT**

From the Hegelian notions of child and education, this article aims to explore the possibility of teaching philosophy to children and its role in human formation. Based on the pedagogical letters and speeches given by G. W. F. Hegel and supported by Matthew Lipman's studies on philosophy for children, we intend to justify and find the place for a philosophical formation in childhood.

**Keywords:** Hegel; childhood; philosophy teaching; Lipman; human formation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Considerações iniciais</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>Infância e formação (<i>Bildung</i>) segundo Hegel</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>Ensino de filosofia para crianças</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>Possibilidade do ensino de filosofia na infância a partir de Hegel e numa perspectiva contemporânea</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>Considerações finais</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>23</b>

## 1 Considerações iniciais

Desde a modernidade se discute a infância como uma fase da vida em si, bem como seu papel ou lugar na formação humana. Apesar da palavra infância ser relativamente recente, a criança já foi observada através das lentes de diferentes tradições, de acordo com seu tempo e historicidade. Também a formação humana já foi extensivamente explorada e examinada por tantas crenças e escolas filosóficas, tendo seu papel atribuído e reinventado, a depender de quem emprega tal exame.

Para filósofos de autoridade, como Platão e Kant, que tratam assuntos além da educação, a Filosofia é indispensável para que o ser humano se realize como tal - realizar-se humano, em outras palavras, significa ter sua formação humana completa. E desde a década de 70 tem sido defendido, com a pesquisa do filósofo americano Matthew Lipman (1923 - 2010), o ensino de filosofia para crianças. Inspirados por Lipman, nos últimos 50 anos, pesquisadores observaram a capacidade das crianças de engajar em debates com temas filosóficos e de investigarem questões concernentes à filosofia.

Tendo em vista os três elementos principais deste trabalho - infância, formação humana e ensino de filosofia - é pertinente recorrer ao pensador alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831). Pois ele foi, além de um grande filósofo idealista, grande influenciador das reformas do ensino de sua época, devido ao seu cargo de conselheiro escolar na cidade de Nuremberg, na Alemanha. Durante seus anos de longa e diversificada experiência como tutor, professor de ginásio e diretor, muito teve a dizer sobre o problema do ensino de filosofia<sup>1</sup>.

Entre seus escritos e discursos acerca da educação e do seu papel para a formação humana, o que Hegel disse - ou deixou de dizer - sobre a infância e que papel tem nesse processo formativo? Além disso, é propício estudar como Lipman fundamenta a Filosofia para Crianças, já que possui a perspectiva contemporânea que buscamos, e por isso seu legado é de extrema importância para este trabalho. O tema desta pesquisa, portanto, é Hegel e Infância, e o papel do ensino de filosofia na formação humana.

---

<sup>1</sup> Ver por exemplo em: HEGEL, G. **Escritos Pedagógicos**. Disponível em: [www.librodot.com](http://www.librodot.com) Acesso em: 01 Abr 2007; NOVELLI, P. O conceito de educação em Hegel, **Interface**, v.5, n.9, 2001, p.69; INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, p.101. As extensas cartas e discursos de Hegel acerca do ensino de filosofia na sua época são evidência de sua preocupação com o tema.

Após as experiências de Pibid, pela Capes, e de estágios durante a graduação, da oportunidade de vivenciar a prática docente nos ensinos infantil, fundamental e médio, cresce a curiosidade sobre o ensino para crianças e, mais especificamente, o ensino de filosofia para crianças. Lidar com crianças numa rotina diária e envolver-se com a turma ao longo de um ano despertou uma atenção específica para a formação que aquelas crianças e jovens estavam tendo, e a inquietação sobre como poderia haver contribuição maior, por parte da formação filosófica da discente, para os pequenos.

Filosofia para crianças: Seria possível? Seria justificável? Há quem defenda que não é possível ensinar Filosofia para crianças, por elas não possuírem o aparato necessário para “filosofar”? Durante o curso de licenciatura, o foco no Ensino Médio também deixou espaço para o questionamento a respeito do ensino de filosofia em outras idades, e porque a Filosofia deveria reservar-se aos adolescentes e adultos. Além disso, no Brasil, o atual currículo escolar de nível básico somente inclui Filosofia e seus conteúdos - ou melhor, competências e habilidades - para turmas de ensino médio.

Admitindo-se o “paradigma hermenêutico” e se tratando de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo geral é investigar, através de textos, discursos e cartas compostos por Hegel, notadamente em seus Escritos Pedagógicos, o papel da infância na formação humana e as possibilidades do ensino de filosofia para crianças numa perspectiva contemporânea. Para tanto, na primeira seção, iremos buscar na filosofia hegeliana o lugar da infância na formação humana; na segunda seção, iremos investigar o ensino de filosofia para crianças como é defendido por Matthew Lipman; e, por fim, na terceira seção, iremos fundamentar, a partir de Hegel e numa perspectiva contemporânea, a possibilidade de ensino de filosofia na infância.

## 2 Infância e formação (*Bildung*) segundo Hegel

Quando se pensa a respeito de formação humana segundo Hegel, a educação é indissociável do tema, pois é através da educação que o indivíduo se desenvolve e constrói a si mesmo, aprende a ser livre e racional, de acordo com Pedro Novelli em *O conceito da educação em Hegel* (2001).

Deve-se alertar, no entanto, a que tipo de educação o filósofo se refere em cada momento dessa formação - já que há dois diferentes conceitos no alemão que podem ser traduzidos em português para educação, mas que compreendem diferentes esferas da mesma palavra, de acordo com Michael Inwood, em *Dicionário Hegel* (1997).

*Bildung* é o primeiro conceito, mais conhecido, estando presente na Filosofia do Direito em aproximadamente trinta menções distintas ao longo da obra, de acordo com a tradução de 2021 pela Editora Fênix. *Bilden* ou *Bildung* trata-se de educação no sentido de formação ou desenvolvimento, no progresso subjetivo do espírito, a formação de uma concepção moral e ética. Até o século XVIII, *Bilden* dava conta apenas do sentido físico de formação - moldar, modelar, cultivar - mas J. Moser atribuiu-lhe o sentido de educação ou cultura, segundo Inwood. Porém, o autor especifica no verbete sobre cultura e educação que essa concepção é referente ao produto do processo educativo ou formativo.

*Bildung* é, então, a educação como preparação para que um indivíduo se torne um bom cidadão. Em outras palavras: “Diante da pergunta de um pai sobre a melhor maneira de educar eticamente seu filho, um pitagórico<sup>2</sup> deu a resposta: quando tu fazes dele um cidadão de um Estado de boas leis” (HEGEL, 2021, § 153, p.179). Também deve-se notar que *Bildung* pode ser entendida por cultura, como na Fenomenologia do Espírito - de acordo com o tradutor Paulo Meneses, em seu roteiro *Para ler a Fenomenologia do Espírito* (1992).

O segundo conceito, *erziehen* ou *Erziehung*, é o processo da educação no sentido de instrução. Refere-se ao ensino formal, ao treinamento técnico, à prática histórica que é própria das escolas, onde o ensino de Filosofia se encaixa. Aparentemente, a principal distinção que Hegel faz entre uma criança e um adulto é a sua instrução. Porém, quando um adulto não passa pelo processo formativo

---

<sup>2</sup> “(...) No exemplar de Hegel, em nota manuscrita, consta: ‘de Sócrates’” (HEGEL, 2021, § 153, p.179, nota dos tradutores).

necessário, assemelha-se a uma criança. Ele não determina a criança incapaz de uma ou outra coisa, mas apenas despreparada. Conforme INWOOD (1997), para Hegel, é na infância que deve haver uma base para toda a formação que o indivíduo necessita para tornar-se um ser humano absoluto.

Na *Filosofia do Direito*, Hegel determina em diferentes momentos como deve acontecer a educação da criança no âmbito familiar, a educação segundo o conceito de *Bildung*. Além disso, em mais de uma situação, ele reforça que é com os pais que a criança deve desenvolver sua *eticidade* aprendendo também o que é amor, confiança e obediência:

A respeito da relação familiar, sua educação tem a determinação positiva de que a eticidade seja levada nelas [nas crianças] até o sentimento imediato, ainda sem oposição, e que o ânimo tenha ali vivido sua primeira vida no amor, na confiança e na obediência enquanto são o fundamento da vida ética (HEGEL, 2021, § 175, p.193). Eticidade é uma das traduções mais comuns para a palavra *Sittlichkeit*, que também pode significar vida ética ou costume. Segundo INWOOD (1997), sua importância para a formação humana se dá ao fato de que, ao viver de acordo com os costumes do povo ao qual pertence, daí consistirá a sabedoria e a virtude de um indivíduo.

Esse processo de educação no campo familiar é demonstrado por Hegel como essencial na formação da criança em um adulto, como parte necessária para que se desenvolva como indivíduo e como cidadão; mas, sobre essa

mesma relação, a determinação negativa é elevar as crianças desde a imediatidade natural, em que se encontram originalmente, até a autonomia e a personalidade livre e, com isso, até a capacidade de sair da unidade natural da família (HEGEL, 2021, §175, p.194).

Apesar da palavra infância não constar no vocabulário de Hegel<sup>3</sup> - no sentido de não haver menções diretas - o filósofo alemão se refere à criança ou filho (*Kind*) e assim a define:

A criança é em si ser humano, tem apenas em si a Razão, é primeiramente possibilidade da Razão e da liberdade e apenas assim é livre de acordo com conceito. O que é primeiro em si, não é em sua efetividade. O ser humano, que é em si racional, precisa, pela produção de si mesmo, realizar-se pelo sair de si, mas igualmente pelo imaginar em si, que ele se tornará também para si (HEGEL, 2021, § 10, p.48)

Ao dizer que a criança, que é ser humano e “em si racional”, precisa

<sup>3</sup> Há, no alemão, três principais termos que significam “infância”: *Kindheit*, *Kindesalter* e *Kindzeit*. Hegel não utiliza nenhuma delas; e no Dicionário Hegel não há verbetes para “infância”.

produzir-se ou realizar-se como ser humano, é necessário que haja um caminho para essa realização, disponível à criança. Esse caminho é indicado por Hegel como sendo a formação moral e ética, que é responsabilidade da família e da educação escolar, como preparação para que o indivíduo conquiste essa realização - o ser, efetivamente, humano.

Apesar da escola não dar conta completamente da formação do aluno e dividir essa responsabilidade majoritariamente com a família, há uma limitação no quanto eficaz será sua contribuição para essa formação, diz Hegel em alguns de seus discursos para a comunidade escolar. É uma observação importante, principalmente porque se torna uma ressalva em relação ao que se prescreve na Filosofia do Direito, e a escola é incubida deste aspecto que uma vez teria sido reservado aos pais.

É através da educação escolar que a criança aprenderá diretamente sobre conceitos e princípios morais, e o filósofo refere-se a esta questão como essencial para o ensino.

Nos *Escritos Pedagógicos* de Hegel (2007) e em seus *Discursos sobre Educação* (1994), há a fundamentação necessária para o ensino das crianças o mais cedo possível, para que assim se desenvolvam melhor e conquistem seu espaço no mundo. “A educação para a autonomia exige que o jovem se habitue desde cedo a consultar seus próprios sentimentos sobre o que é apropriado e sua própria compreensão” (HEGEL, 2007, p.107, tradução nossa<sup>4</sup>).

É em especial no discurso de 2 de setembro de 1811, que se dá ao fim de um ano letivo, em que Hegel elabora melhor como a educação escolar tem também seu papel na formação ética da criança, e que também explica a importância de uma base conceitual para o futuro dos alunos.

O filósofo justifica que conceitos éticos podem ser compreendidos pelas crianças de acordo com a idade, e cada vez mais profundamente, com o passar do tempo, vêm a entender melhor sua complexidade e extensão:

[...] é fácil ver que os conceitos éticos podem ser bem compreendidos, de acordo com a idade, pela criança, pelo menino e pelo jovem, e que toda a nossa vida nada mais é do que aprender a compreender cada vez mais profundamente seu significado e sua

---

<sup>4</sup> Citação original em espanhol: “La educación para la autonomía exige que la juventud sea acostumbrada tempranamente a consultar el sentimiento propio acerca de lo que conviene y el entendimiento propio[...]”.

extensão. (HEGEL, 2007, p.103-104, tradução nossa)<sup>5</sup>

Não é necessário apenas compreender esses conceitos, mas que se solidifique no espírito essa formação, e por isso quanto mais cedo lhes forem inculcados, melhor se consolidarão na juventude e maior utilidade terão para o resto da vida do indivíduo. Se fosse o caso de esperar a formação básica de um jovem ser completa, ou esperar que se torne um adulto para introduzir conceitos e princípios morais nesse indivíduo, até que ele compreendesse profundamente e os colocasse em prática em sua vida ética, já estaria perto do fim da sua vida.

Ou seja, Hegel defende que o processo de desenvolvimento da criança, ou de sua formação deve começar o mais cedo possível em âmbito escolar, para que seja mais proveitoso e que menos se retarde a formação de uma capacidade perceptiva e um sentimento ético na criança.

---

<sup>5</sup> Citação original em espanhol: “[...] es fácil observar que los conceptos éticos pueden ser bien comprendidos, en consonancia con su edad, por el niño, por el muchacho y por el joven, y que toda nuestra vida no es otra cosa que aprender a comprender de una forma cada vez más profunda su significado y su extensión.”

### 3 Ensino de filosofia para crianças

O ensino de filosofia para crianças tem sido investigado e fundamentado internacionalmente a partir dos anos 60, com a pesquisa do filósofo americano Matthew Lipman. Segundo Pritchard (2022), ao observar a capacidade argumentativa de cidadãos “bem-educados” - ou instruídos - e descontentar-se com o quadro da sociedade em que vivia, Lipman é convencido de que a educação em lógica deve começar muito antes do ensino superior, e procura uma forma de estimular o interesse de crianças de cerca de 10 a 11 anos de idade no assunto.

[...] a criança está cercada por um mundo que é completamente problemático, um mundo em que tudo convida à investigação e ao questionamento reflexivo, um mundo tão provocador do pensamento quanto da admiração e ação. (LIPMAN, 2003, p.12-13, tradução nossa)<sup>6</sup>

A preocupação de Lipman é compartilhada por outros pesquisadores, entre seus nomes a importante contribuição de Ann Sharp, que também foi fundamental para o desenvolvimento do *Institute for the Advancement of Philosophy for Children* (IACP), fundado na Montclair State College<sup>7</sup>.

“O movimento educacional conhecido como Filosofia para Crianças teve início com Lipman no começo da década de 70, com a publicação do romance filosófico para crianças *Harry Stottlemeier’s Discovery*<sup>8</sup>” (PRITCHARD, 2022, tradução nossa)<sup>9</sup>. Na história de Harry, uma série de perguntas e conceitos são investigados junto com seus amigos, tocando assuntos como a natureza do pensamento, ideia de causalidade, conhecimento e crença, e várias outras questões que concernem ao pensamento filosófico.

A palavra “filosofia”, no entanto, não está presente no livro em momento algum. As descobertas que o protagonista faz ao longo da história revelam sua curiosidade e admiração no “pensar sobre pensar”, e até escreve um texto, como tarefa, onde explica que “para ele, a coisa mais interessante no mundo inteiro é

<sup>6</sup> Citação original em inglês: “[...] *the child is surrounded by a world that is problematic through and through, a world in which everything invites inquiry and reflective questioning, a world as provocative of thought as it is of wonder and action.*”

<sup>7</sup> Atual Montclair State University em Nova Jersey, Estados Unidos.

<sup>8</sup> A versão em português do livro tem o título “A descoberta de Ari dos Telles”, publicado em 1990 pela editora Difusão de Educação e Cultura.

<sup>9</sup> Citação original em inglês: “*The educational movement known as Philosophy for Children got its start in the early 1970s with the publication of Matthew Lipman’s philosophical novel for children, Harry Stottlemeier’s Discovery.*”

pensar”.

[...] um pensamento o atingiu. "Na escola, pensamos em matemática, em ortografia e em gramática. Mas quem já ouviu falar em pensar em pensar?" E então ele acrescentou esta frase ao seu papel; "Se pensarmos em eletricidade, podemos entendê-la melhor, mas quando pensamos em pensar, parecemos nos entender melhor." (LIPMAN, 1974, p. 17, tradução nossa)<sup>10</sup>

Lipman, através de Harry, demonstra a capacidade das crianças de conduzirem sérias investigações filosóficas - e até encontrarem diversão nisso. Há também diversos estudos que examinam a manifestação do pensamento filosófico nas crianças, como o filósofo Garreth Matthews (1929-2011) observa e apresenta em *Philosophy and the Young Child* (1980).

Matthews parte da teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1933), que sugere que antes dos 12 anos a maioria das crianças seriam incapazes de formar algum pensamento filosófico, como pensar sobre pensar e desenvolver análises lógicas de relação entre fatos ou conceitos. Os estudos de Matthews levam a uma nova compreensão do que seria a atividade filosófica conduzida pelas crianças e como se dá esse pensamento filosófico.

O filósofo americano acredita que adultos atentos comumente encontram exemplos de pensamento filosófico nas crianças, e que há muito a aprender levando-as a sério. Através de anedotas que geralmente levam ao riso, explora as emoções e sentimentos que despertam e atraem a crianças para essas experiências de caráter filosófico: perplexidade, brincadeira e raciocínio.

A perplexidade é de muitas formas similar ao espanto, o ponto de partida da filosofia, para Aristóteles<sup>11</sup>. Matthews também cita Bertrand Russell, que diz:

“(...) ainda que a filosofia não nos ofereça todas as respostas que desejamos, nos dá o poder de fazer perguntas que mostram o interesse do mundo, mostrando a estranheza e maravilha sob as mais comuns das coisas da vida” (RUSSELL apud MATTHEWS, 1980, p.2, tradução nossa)<sup>12</sup>

O conceito seguinte, o da brincadeira ou jogo, é associado com a filosofia da

<sup>10</sup> Citação original em inglês: “[...] *Ja thought struck him. "In school, we think about math, and we think about spelling, and we think about grammar. But who ever heard of thinking about thinking?" And so he added this sentence to his paper; "If we think about electricity, we can understand it better, but when we think about thinking, we seem to understand ourselves better."*

<sup>11</sup> Ver em sua *Metafísica*, 982b12.

<sup>12</sup> Citação original em inglês: “*philosophy, if it cannot answer so many questions as we could wish, has at least the power of asking questions which increase the interest of the world, and show the strangeness and wonder lying just below the surface even in the commonest things of daily life*”.

seguinte forma: “A filosofia pode, de fato, ser motivada pela perplexidade. Mas mostrar isso e parar por aí é sugerir, bastante erroneamente, que a filosofia é inevitavelmente algo terrivelmente sério. Na verdade, muitas vezes é um jogo, um jogo conceitual.” (MATTHEWS, 1980, p.11, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Essa ideia de jogo ou brincadeira conceitual é notoriamente identificada por Matthews na forma como crianças demonstram se divertir ao conceber possibilidades e explorar questões apresentadas a elas . Ou até mesmo quando se oferece uma resposta a uma criança, ela pode tentar “brincar” com ela, com os conceitos ou as palavras contidas nela, com uma contra-resposta divertida ou no mínimo atrevida.

Muito do que nós adultos dizemos às crianças é altamente questionável na melhor das hipóteses e merece ser desafiado. No entanto, nós adultos costumamos deixar de lado o desafio de uma criança com um olhar irritado. “Ah, você sabe o que quero dizer!” (MATTHEWS, 1980, p.21, tradução nossa)<sup>14</sup>

O filósofo argumenta que pode ser divertido investir nesse jogo filosófico de “tentar entender o que alguém pode ter dito, querer ter dito ou deveria ter dito”, e que pais e professores que costumam recusar-se a jogá-lo com as crianças “empobrecem suas próprias vidas intelectuais, diminuem seus relacionamentos com seus filhos e desencorajam em seus filhos o espírito da independente investigação intelectual” (MATTHEWS, 1980, p.21, tradução nossa)<sup>15</sup>.

O terceiro conceito, o do raciocínio, tem sua importância na evidência de que as crianças são tão capazes de raciocinar e relacionar ideias e conceitos como os adultos, e de construir argumentos em cima do seu raciocínio, ainda que não entendam bem como explicar o caminho que levaram a chegar a tal conclusão ou como de fato constrói-se um argumento.

As crianças dos estudos de Matthews - entre outros<sup>16</sup> - demonstraram um nível de compreensão conceitual “até sofisticada” quando apresentados problemas

<sup>13</sup> Citação original em inglês: “*Philosophy may indeed be motivated by puzzlement. But to show that and stop there is to suggest, quite mistakenly, that philosophy is inevitably something terribly serious. In fact, it is often play, conceptual play.*”

<sup>14</sup> Citação original em inglês: “*Much of what we adults tell children is highly questionable at best and deserves to be challenged. Yet we adults usually turn aside a child’s challenge with an irritated “Oh, you know what I mean!”*”

<sup>15</sup> Citação original em inglês: “*Parents and teachers who always refuse to play this game with children impoverish their own intellectual lives, diminish their relationships with their children, and discourage in their children the spirit of independent intellectual inquiry.*”

<sup>16</sup> Ver por exemplo *Intellectual Growth in Young Children* (1924) por Susan Isaac é também fonte de pesquisa para Matthews.

e questões a serem discutidas em sala de aula, e isso é, segundo PRITCHARD (2022), o que se pode esperar de crianças que são encorajadas ou convidadas à reflexão.

Através das anedotas apresentadas por Matthews e pelas transcrições feitas em sala de aula, não é difícil concordar que discussões perspicazes podem surgir quando as crianças são oferecidas a oportunidade e o espaço para tê-las. Essas discussões podem ser provocadas até mesmo no ambiente comum escolar, através de atividades artísticas, experimentos mentais ou até mesmo notícias recentes.

Lipman e Matthews são dois dos diversos exemplos da investigação de uma Filosofia para Crianças na contemporaneidade, e ambos justificam que o estímulo e a liberdade são dois fatores que influenciam na prática filosófica na infância.

O raciocínio, a formação de conceitos e as habilidades de formação de julgamento que a filosofia fortalece nos primeiros anos da escola primária são indispensáveis para os anos de ensino médio da criança. (LIPMAN, 2003, p. 70, tradução nossa)<sup>17</sup>

Outro nome importante para a Filosofia para Crianças é o de Walter Omar Kohan, filósofo argentino, professor e pesquisador na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, é coordenador do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) também na UERJ, que nos últimos anos tem publicado diversas obras com temas acerca do ensino de filosofia e infância. Em 2021, Kohan publicou *Paulo Freire: um menino de 100 anos* em comemoração do centenário do filósofo recifense. Nesta obra, explora elementos da pedagogia e filosofia freireana, que muito têm a dizer sobre infância, também.

[...] onde e quando nascem as perguntas na vida de um ser humano? Qual é o momento da vida em que a curiosidade aflora com mais força numa existência? Certamente, na infância. Porém essa resposta lança novas perguntas: o que é a infância? Há infância ou infâncias? Todas as infâncias vivem da mesma forma a pergunta e o perguntar? (KOHAN, 2021, p. 46)

Lipman e o IACP, com sua esperança de que a filosofia conquiste um papel de importância no currículo básico americano, propõem um programa ambicioso de reforma do currículo. Em poucos anos, os programas menores do IACP já têm influência significativa na melhora da capacidade de leitura e pensamento críticos. Os materiais e estudos produzidos pelo Instituto, liderado por Ann Sharp, incluem

<sup>17</sup> Citação original em inglês: “The reasoning, concept-formation, and judgment-shaping skills that philosophy strengthens in early elementary school are indispensable for the child’s middle-school years.”

os livros de Lipman e também manuais para professores da educação básica, e foram utilizados, conforme PRITCHARD (2022), em programas para milhares de crianças nos Estados Unidos e também internacionalmente.

#### **4 Possibilidade do ensino de filosofia na infância a partir de Hegel e numa perspectiva contemporânea**

Após examinarmos o papel da educação escolar na formação humana para Hegel e o lugar do ensino de filosofia na infância para Lipman, podemos articular a relevância desses temas no cenário contemporâneo brasileiro. Nos últimos anos, com a reforma do Ensino Médio em 2022 e a implementação da Base Nacional Curricular Comum de 2017, as ciências humanas vêm perdendo espaço que já foi custoso conquistar.

A desvalorização da formação ética e moral dos jovens para dar lugar a um ensino técnico que os torne prontos para o mercado de trabalho ao fim da Educação Básica compromete seriamente a formação humana e a capacidade de análise e pensamento crítico da população - similarmente ao que Lipman observou nos anos 60 em Nova Jersey.

No entanto, o foco desta pesquisa é a filosofia na infância e como ela contribui indispensavelmente para uma formação que buscamos proteger. Já que o ensino de filosofia é ameaçado pelas recentes reformas no ensino médio, nos voltemos então para as fases anteriores do ensino básico e qual a importância de preservar o estímulo ao pensamento crítico e exercício filosófico nas crianças - para que não lhes seja arrancado de si na juventude.

Em sua carta ao Conselheiro Superior da Baviera, de 1812, Hegel examina e discorre sobre a estrutura do ensino de filosofia para os três anos de ginásio. No momento em que demonstra sua aprovação pelo objeto de ensino “Doutrina da Religião, do Direito e dos Deveres” como forma de introduzir os jovens ao pensamento filosófico, justifica que se deve ao fato de que:

Os conceitos destas doutrinas são simples e possuem ao mesmo tempo uma especificação, que os torna inteiramente acessíveis à idade desta Classe; o seu conteúdo é apoiado pelo sentimento natural dos alunos, possui uma realidade efectiva no íntimo dos mesmos, pois é o lado da própria realidade interior (HEGEL, 2022).

Se é então um sentimento natural que torna propícia a introdução à filosofia através de certos conteúdos, para os jovens, argumentamos que da mesma forma justifica-se a introdução do pensar filosófico às crianças. Apesar de não possuírem o mesmo grau de instrução que os jovens de ginásio, as crianças que estão

conhecendo o mundo e tendo suas primeiras experiências, moldando suas crenças e sendo iniciadas para a vida ética têm o mesmo sentimento natural, ainda que mais *bruto*<sup>18</sup>, que os alunos alguns anos mais velhos.

Mais adiante na mesma carta, Hegel explica que os objetos de tais doutrinas - Liberdade, Direito e Propriedade - são determinações práticas com as quais se lida diariamente. Proporcionalmente, uma criança lida diariamente com Dever, Ética e também Liberdade, embora ainda esteja esboçando suas primeiras noções dos conceitos que os envolvem.

Voltando-nos para a concepção de criança para Hegel, à primeira vista fizemos a seguinte interpretação: uma concepção de criança como ser humano em si, mas não efetivamente, separando-a do mundo ao seu redor. A ideia de que a criança só se torna o que “deve ser” após sua formação ética, moral, e escolar ser completa a exclui da esfera social.

Apesar de Hegel não estar equivocado ao diferenciar a criança do adulto através da formação, essa constante separação reforça nas crianças a sensação de não fazer parte do mundo em que vivem, e o desejo de crescer para tomar seu lugar no “mundo dos adultos”.

A necessidade de serem educadas é nas crianças como o sentimento próprio de estarem insatisfeitas, como dentro de si elas são, - como impulso de pertencer ao mundo dos adultos, que pressentem ser um mundo superior, como o desejo de se tornar grandes (HEGEL, 2021, § 175, p.194)

Não tratar a criança como um ser humano em si, por ser intrínseco a ela seu processo formativo, é questionável. A desvalorização do que a criança possa vir a pensar, dizer, ou fazer, como se não fosse ainda um sujeito, apenas uma extensão da família, um dependente, é limitador para a própria formação desse ser humano.

No decorrer da pesquisa, compreendemos melhor como Hegel concebia a criança e qual seu lugar na sociedade. O primeiro momento é o da família, onde a criança deve aprender amor e confiança como um direito - não precisa “fazer por merecer” - justamente por ser parte da família. Quando for adulto, precisará conquistar seu lugar na sociedade, diferente de quando era uma criança.

O papel da escola, então, será intermediar essa transição da esfera da

---

<sup>18</sup> Hegel usa o termo *primitivo* em diversas ocasiões para tratar do referente à criança, mas temendo seu sentido denotativo, prefere-se aqui a ideia de *bruto* como oposto à *polido* ou *lapidado*.

família para a esfera da sociedade. Daí evidencia-se a importância de uma formação ética e do estímulo ao pensamento crítico - para que a criança seja bem preparada para o mundo em que está prestes a ingressar.

A escola está, com efeito, entre a família e o mundo real e constitui o membro intermediário, um conector na transição do primeiro para o segundo. [...] Ora, a escola é a esfera intermediária que conduz o homem do círculo familiar ao mundo, das relações naturais de sentimento e inclinação ao elemento da coisa. (HEGEL, 2007, p.105, tradução nossa)<sup>19</sup>

Hegel também defende que a educação deve começar o mais cedo possível para que os conceitos se solidifiquem melhor no espírito. Assim, essa parte do processo formativo, a preparação para o mundo social, deve ter seu início na infância, através da educação escolar.

Como observado por Lipman através das atividades e programas do IAPC, o estímulo à livre investigação filosófica nas crianças, na escola, tem como consequência uma notável melhora no nível de leitura, compreensão e pensamento crítico nesses grupos de alunos. Encorajar a criança a buscar soluções ou tentar entender problemas com que se depara no dia a dia tem como efeito, também a longo prazo, um jovem ou adulto melhor preparado para exercer seu papel na sociedade.

Então, se é possível estimular o pensamento filosófico nas crianças e este contribui para a formação humana desses alunos, o ensino de filosofia na infância não é apenas possível, mas também justificável.

---

<sup>19</sup> Citação original em espanhol: “La escuela se encuentra, en efecto, entre la familia y el mundo real y constituye el miembro intermedio, conector en el tránsito desde aquella a éste. [...] Ahora bien, la escuela es la esfera intermedia que conduce al hombre desde el círculo familiar al mundo, desde las relaciones naturales del sentimiento y la inclinación hasta el elemento de la cosa.”

## 5 Considerações finais

Após investigar escritos e discursos pedagógicos de G. W. F. Hegel e explorar suas noções de criança e educação, encontramos uma relação de necessidade da primeira para com a segunda. É natural da criança necessitar ser educada, pois é seu lugar no processo de formação do espírito. A escola possui um papel fundamental nesse processo, pois é responsável pela transição da criança da esfera familiar para a esfera social, através da educação e da socialização.

Também a filosofia ocupa um papel importante na formação, e por isso deve ter um lugar na escola e na educação dessas crianças. Com apoio em M. Lipman, observamos como se dá a fomentação de uma investigação filosófica entre crianças e que impacto a mesma traz para esses alunos. O pensar filosófico contribui para a formação pessoal e social, e já que as crianças são capazes desse tipo de pensar ou investigar, é possível que o ensino de filosofia seja integrado à sua educação escolar.

Assim sendo, articulando o pensamento hegeliano à perspectiva contemporânea de Lipman, podemos fundamentar o papel de um ensino de filosofia para crianças e sua importância para a formação humana.

## REFERÊNCIAS

- HEGEL, G. **Discursos sobre educação**. Lisboa: Colibri, 1994.
- HEGEL, G. **Escritos pedagógicos**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- HEGEL, G. **Princípios da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência Política em Compêndio**. Tradução Parágrafos e Anotações: Paulo Meneses (In Memoriam), Agemir Bavaresco, Alfredo Moraes, Danilo Vaz-Curado R. M. Costa, Greice Ane Barbieri e Paulo Roberto Konzen. Tradução Adendos: João A. Wohlfart, Márcio E. Schäfer e Thadeu Weber. Porto Alegre: Editora Fênix, 2021.
- HEGEL, G. **[Sobre o ensino da filosofia]**. Tradução: Artur Morão. LusoSofia Press. Disponível em:  
[http://www.lusosofia.net/textos/hegel\\_sobre\\_ensino\\_da\\_filosofia.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/hegel_sobre_ensino_da_filosofia.pdf) Acesso em: 10 mai 2022.
- INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- MATTHEWS, G. **Philosophy and the Young Children**. Massachusetts, Harvard University Press, 1980.
- MENESES, P. **Para ler a Fenomenologia do Espírito - Roteiro**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- NOVELLI, P. **O conceito de educação em Hegel**. In: Interface, v.5, n.9, p.65-88, 2001.
- PRITCHARD, M. **Philosophy for Children**, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em:  
<https://plato.stanford.edu/archives/win2020/entries/children/> Acesso em: 20 abr 2022.
- LIPMAN, M. **Thinking in Education**. Nova York, Cambridge University Press, 2003.
- LIPMAN, M. **Harry Stottlemeier's Discovery**. Nova Jersey, Institute for the Advancement of Philosophy for Children, 1974.
- LIPMAN, M., SHARP, A., OSCANYAN, F. **Philosophy in the Classroom**. Philadelphia, Temple University Press, 1980.
- LIPMAN, M. **Philosophy goes to school**. Philadelphia, Temple University Press, 1988.
- KOHAN, W. **Paulo Freire: um menino de 100 anos**. Rio de Janeiro: NEFI Edições, 2021.